

BUMBA-MEU-BOI

Um motivo folclórico dos mais belos do Brasil é visto diferentemente por vários artistas plásticos.

Reportagem de CARLOS GALVÃO KREBS

AINDA que pareça incrível, até hoje só vimos quatro vezes o bumba-meu-boi. E, mais incrível ainda: todas elas em representação. Jamais topamos com um autêntico boi-bumbá, mesmo que tenha existido e subsista hoje no Rio Grande do Sul. A primeira dessas vezes foi em junho

de 1948, no Rio, por ocasião da I. Semana de Folclore. Terá sido uma iniciativa de Cecília Meireles, se não nos falha a memória. Seis anos após, em Porto Alegre, em fins de junho de 1954, nós o vimos pela segunda vez, representado pelos sócios do Clube Nordestino em uma festa típica.

Poucos dias após, em julho de 54, vimos o boi-bumbá pela terceira vez: no espetáculo levado a efeito pelos "Tropieiros da Tradição", em Santa Maria, depois do encerramento do I. Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul. E já no mês seguinte, em agosto do mesmo ano de 1954, novamente vimos pela última vez o bumba-meu-boi, no tablado do Ibirapuera, durante o festival promovido pelo Congresso Internacional de Folclore, realizado em São Paulo.

Durante um lapso de seis anos, de 1948 a 1954, pudemos vê-lo, mesmo que representado, apenas uma vez. Mas já em 1954, no espaço justo de dois meses, nós o vimos, ainda que também representado, em TRES ocasiões diversas e em TRES cidades diferentes, duas das quais são capitais das mais importantes do país, e outra, uma das mais representativas cidades do Estado. Interpretamos isto não apenas como uma coincidência. Mas como algo muito mais profundo e mais significativo, para felicidade nossa: o crescente interesse pelas nossas cousas tradicionais, pelo nosso folclore.

O BUMBA-MEU-BOI

É um auto popular, dramático, que ocorre de Norte a Sul do Brasil, principalmente na faixa litorânea e no sertão. Sua figura principal e indispensável é o boi, feito de ripas finas de madeira, mais ou menos com a forma do animal, recoberta por um pano colorido ou decorado com desenhos, figura esta à qual se adapta uma cabeça de boi mais ou menos bem modelada. Por dentro da armação se mete uma pessoa, geralmente um garoto, cujo corpo fica escondido, como as pernas, pela cobertura de pano. Junto ao boi vão o Vaqueiro, a Catirina, negrinha viva, outros personagens, às vezes um Padre, o Doutor, e, ocasionalmente, outras figuras de animais, como a Fina, a Burrinha, etc. Frequentemente as mulheres do auto são "travesti", pois são representadas principalmente por homens. Os instrumentos musicais que se ouvem no boi-bumbá são o violão, a rabeca e a harmônica, segundo Luiz da Câmara Cascudo. Acrescenta, secundariamente, a acordeona, gaita gaúcha (Cascudo está muito bem informado) e viola. "Saquece os instrumentos de percussão, como a caixa "surda", que às vezes aparece. Um dos comparsas chefia o bando, cantando os versos. Os outros, com a assistência, fazem o coro.

É evidentemente um auto do ciclo natalino, para Cascudo, daqueles que se realizam no período que vai do Natal até o Dia de Reis. Cascudo afirma, ainda, que constitui uma fusão de reisados, grupos fantasiados ou não que cantavam, de porta em porta, louvores aos Reis Magos recebendo dádivas.



ESTUDO preliminar, a bico de pena, para a gravura definitiva do bumba-meu-boi do Ceará. Interpretação do cearense Aldemir Martins. (Coleção de Carlos G. Krebs). Abaixo, a gravura definitiva de Aldemir Martins sobre o tema do bumba-meu-boi. O artista foi logo depois de concluir este trabalho altamente premiado pela 1.ª Bienal de São Paulo, tendo lhe sido concedido o primeiro prêmio de desenho. Esta gravura, pertence também a C. G. K.)



JOSE DE FRANCESCO — "Bumba-meu-boi" — Óleo sobre madeira. O primitivista às vezes se faz "abstracionista": omite inteiramente a figura do boi, personagem central do fato folclórico retratado. Pintado sobre reminiscências de Bagé (RGS) por volta de 1907. (Col. Carlos G. Krebs)



TEMA DO BUMBA-MEU-BOI

O boi aparece tangido pelo Vaqueiro, o Mateus, e acompanhado pelos demais figurantes. O Mateus tira versos, que às vezes são apenas frases soltas. Os acompanhantes, junto com a assistência, respondem em coro. Naturalmente tudo se refere ao boi, à vida do boi, suas excelências, suas façanhas. Enquanto isso o animal, irrequieto, arremete contra as pessoas da assistência, que fogem às risadas. Em certo momento o boi começa a dar sinais de cansaço. Em breve se verifica que está doente, muito doente. Cai derreado, ante o desgosto e o espanto geral. Morre. Chama-se o doutor, que lhe aplica de imediato um clister, com o realismo do regador louçado e um longo tubo de borracha. Expectativa de todos. O boi ressuscita. Alegria e algazarra generalizada. Enfim o rancho todo recolhe, ao som de música e de versos, assim como aparecera.

A MULTIPLICIDADE DE VERSÕES

O folclore atual dispõe de uma nova constatação, posta em evidência relativamente há pouco tempo. É a constante mutação do fato folclórico, permanecendo, no fundo, sempre o mesmo.

Dá dizer-se que o fato folclórico é e não é sempre o mesmo. É o mesmo, no sentido de que sua essência permanece, sobrevive. Não é o mesmo, quando se quer expressar as suas múltiplas combinações, recombinações, adaptações, que sofre de região para região, de época para época. Edison Carneiro o exprimiria, dizendo que isso é a dinâmica do folclore.

O bumba-meu-boi não foge a isso. Pelo contrário, é uma das mais gritantes afirmações desse eterno processo do folclore universal. Vejamos, a principal pelo nome:

Bumba-meu-boi foi denominação

corrente em Bagé, Rio Grande do Sul, segundo se pode verificar no quadro do primitivista José De Francesco, pintado sobre suas reminiscências daquela região, de 1907 (tal quadro vai aqui reproduzido). No Nordeste do Brasil o auto tem vários nomes. Boi, boi-calemba, bumba (Pernambuco), boi-bumbá (Pará), boi-de-Reis. Reis-do-boi é expressão corrente em Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro. Em Santa Catarina já é conhecido como boi-de-mamão e boi-de-melão. Como prova mais flagrante e mais surpreendente, afirma J. C. Paixão Côrtes ter registrado no Rio Grande do Sul o mesmo auto com o nome de boi-tatá, o que denuncia uma combinação dos elementos fundamentais com a lenda de boi-tatá, a serpente de fogo, tão conhecida no Estado. O elemento de ligação entre os dois fatos folclóricos, seguramente, terá sido a voz "boi", com acepções diferentes, mas existente nos dois fatos: boi, animal vacum, e "mboi", serpente em língua indígena. Diz Paixão Côrtes que no boi-tatá, versão gaúcha do boi-bumbá por ele registrado, por dentro da cabeça do boi se coloca uma luz, uma vela acesa, cuja claridade se projeta por um orifício praticado sobre a testa do boi.

Como as denominações, também o desenvolvimento do tema varia. Ora o boi não morre. Às vezes morre, recebe o clister e ressuscita. Outras, depois de morto e antes da ressurreição, sua carne é toda repartida entre as pessoas conhecidas no lugar, repartição cantada em parselhas jocosas, que o coro reafirma ou aplaude.

Também os figurantes variam, seja em número, seja em individualidades. Ora aparece a Burrinha e não aparece a Ema. Às vezes há o Padre, às vezes não há. Lá longe surge o Cavalo Marinho. Cá, em baixo ele não existe, como também pode desaparecer a Catirina. E assim por di-

ante, como afirma Cascudo, ao sabor das anônimas simpatias locais. O mesmo sucede com os instrumentos de música que acompanham o grupo. Confirmando Cascudo podemos asseverar, como testemunha presencial, que no bumba-meu-boi representado pelo Clube Nordestino desta Capital, há um ano atrás, apareceu no final uma gaita gaúcha tocando nada mais nada menos do que o "BOI BARROSO", enquanto o boi retirava, depois de saudar uma por uma as pessoas principais presentes à festa.

A MAIS SURPREENDENTE

Em junho de 1953 nós publicamos uma crítica, no Diário de Notícias, desta Capital sobre o "Kerb" visto através da arte. Criticamos, então, as obras de Weingaertner, José Lutzenberger (ambos mortos) e José De Francesco, todas sobre o motivo do "Kerb". De Francesco ficou entusiasmado com nossa maneira de encarar o assunto e fez questão de oferecer-nos um trabalho seu, justamente o "Bumba-meu-boi". Foi exposto aqui e em São Paulo. Lá, Raul Bopp quis adquiri-lo. Afinal suas andanças de diplomata não lhe deram tempo para isso, graças a Deus. Depois de um tempão De Francesco nos entregou a obra, um óleo sobre madeira. Nós a levamos para casa e a colocamos sobre a mesa de trabalho. Intrigado, nos perguntávamos:

— Mas e o boi? O boi, figura central, onde é que está?!

De fato, na obra de De Francesco não aparece o boi.

Dias após, num encontro de rua, De Francesco se aproximou de nós, indicador na mão direita levantado no ar, dizendo:—

— Doutor, no seu quadro está o boi!

Ficamos perplexo. Tentamos um protesto:

→

ARMAS NACIONAIS



TAURUS cal. 22 e 32
10 cm de cano — bala
longa.



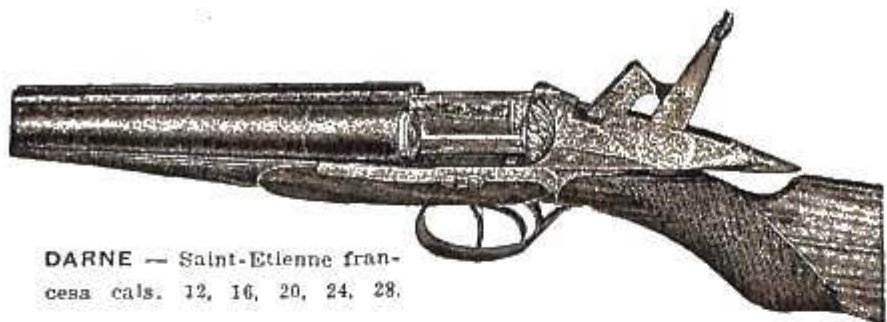
GARRUCHA cals. 22 e 320 — 2 canos



NACIONAL cals. 16, 20, 24, 28, 32, 36, 40
p/pólvora s/fumaça



duada e túnel c/ ou s/luneta
BRNO cal. 22 c/pente, 5 tiros, mira gra-



DARNE — Saint-Etienne fran-
cesa cals. 12, 16, 20, 24, 28.

DIRCEU SILVA

Praça RUI BARBOSA, 137
Tel.: "SAGITA" - Fone 6881
PÔRTO ALEGRE - R.G.S.

ATENDE-SE REEMBOLSO

REMETEMOS CATÁLOGO GRATIS



CARLOS SCLiar — "Bumba-meu-boi" — Gravura a cores. Inspirado sobre informações da folclorista paulista Oneyda Alvarenga. Uma das melhores obras devidas a este artista gaúcho: capa de programa de um recital de música folclórica. (Coleção de Carlos Galvão Krebs).

BUMBA-MEU-BOI cont.

— Não, não existe. E isto nos deixa muito admirado.

— Existe, sim. No último plano, acima das figuras.

De Francesco continuou, ante nosso pasmo:

— Vou explicar. Quando eu estava terminando o quadro, chegou lá em casa o Desembargador João Pereira de Sampaio, que o senhor sabe, é um grande amigo meu. Só faltava pintar a cabeça do boi, em cima, no último plano. Já estava desenhada. O Desembargador Sampaio olhou e exclamou: "Pare, De Francesco! Não faça mais nada! Não estrague o que já fez." E eu obedeci. Passei uma tinta branca no fundo, cobrindo a cabeça do boi. Se o senhor olhar bem, verá por baixo do branco, a cabeça do boi esboçada em preto.

Em casa verificamos: assim era, realmente. Por mais paradoxal que seja, esta omissão, imperdoável do ponto de vista folclórico e de fidelidade, acresce enormemente o valor da obra de De Francesco. Prova de maneira cabal e irretorquível a sua santa, honesta e apaixonante ingenuidade de primitivista.

DANÚBIO V. GONÇALVES — "Bumba-meu-boi" — Óleo. Possivelmente pintado sobre estudos pessoais ou informações na zona de Bagé (RGS), onde o artista tem pesquisado e produzido muito. (Col. de C. Assunção).

